

Como construir a história da geografia?

¿Cómo construir la historia de la geografía?

Comment construit-on l'histoire de la géographie ?

How to build up the history of geography?

Paul Claval

Tradutor: Larissa Alves de Lira e Breno Viotto Pedrosa



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/637>

DOI: 10.4000/terrabilis.637

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Paul Claval, « Como construir a história da geografia? », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 21 junho 2013, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabilis/637> ; DOI : 10.4000/terrabilis.637

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Como construir a história da geografia?

¿Cómo construir la historia de la geografía?

Comment construit-on l'histoire de la géographie ?

How to build up the history of geography?

Paul Claval

Translation : Larissa Alves de Lira and Breno Viotto Pedrosa

EDITOR'S NOTE

A presente é a tradução ao português do artigo publicado neste mesmo número como Comment construit-on l'histoire de la géographie ?

La presente es la traducción al portugués del artículo publicado en este mismo número como Comment construit-on l'histoire de la géographie ?

Cet article est la traduction en Portugaise de l'article publié dans cette même numéro sous le titre Comment construit-on l'histoire de la géographie ?

This is the Portuguese translation of the paper published in this same issue as Comment construit-on l'histoire de la géographie ?

1. Para afirmar a sua existência, todo o grupo experimenta a necessidade de contar a sua história

- 1 Todo o grupo tem a tendência de dotar-se de uma história: ela prova sua existência, lhe confere uma identidade e dá um sentido à ação que ele conduz. Esta história toma a forma de um discurso, de um grande relato, de uma narração.

- 2 Os coletivos de pesquisadores são, desse ponto de vista, semelhante aos outros: eles têm a necessidade de ressaltar o significado dos trabalhos que levam à cabo. O problema é que as narrações que lhe dão especificidade não têm todas o mesmo rigor, a mesma coerência. Em muitos dos casos, ela se mantém oral; anedotas, que ressaltam o avanço da ação de um mestre ou de uma linha de pesquisadores, a originalidade das abordagens mobilizadas, a importância dos resultados obtidos, que circulam entre eles. Cada grupo constrói sua própria lenda.
- 3 No tempo em que eu fiz meus estudos, a história da geografia não era ensinada. Aquela que nos pertencia mais ou menos conscientemente resultava de breves indicações que nós recolhíamos nos cursos dos professores, daquilo que os estudantes de gerações que nos precediam diziam, ou os assistentes, que nos contavam às orelhas, e daquilo que nos relatavam todos os anos o participante toulousiano na excursão inter-universitária. Nós nos inscrevamos na tradição francesa, cujo fundador era Vidal de la Blache - mas nenhum de nós jamais havíamos o lido. A maneira de conceber e praticar a geografia que nos era transmitida repousava sobre a prática do trabalho de campo, mas em uma perspectiva que devia tanto ao escotismo quanto ao trabalho científico! Ela exaltava a análise regional. Ela preconizava a beleza do meio físico, das formas de relevo e do clima, porque se pensava encontrar lá os componentes essenciais da explicação da distribuição dos homens.
- 4 As tradições orais são perigosas porque elas são ao mesmo tempo uma parte do todo (elas retêm apenas uma fração da realidade) e parciais (que valorizam o significado de uma abordagem ou perspectiva particular, e negligencia as demais).
- 5 Eu me lembro de meu espanto - e encantamento - em 1960-1961, quando preparava em Besançon meu primeiro curso sobre a história da geografia (ele estava destinado a fazer com que os estudantes que não haviam feito ainda a escolha de sua especialização conhecessem a disciplina): aquilo que eu lia não correspondia quase nunca com aquilo que a tradição oral me havia transmitido!

2. Passar da tradição oral para o discurso científico supõem que o campo que o delimita seja claramente definido.

- 6 Para aqueles que querem construir uma história coerente e 'científica' da geografia, o problema é, portanto, evitar, de início, a arbitrariedade das tradições orais. Isso supõem que seja precisado o campo histórico que se deseja cobrir: o assunto é infinitamente complexo.
- 7 Irá se ligar à evolução das práticas, dos saber-fazer e dos saberes geográficos vernaculares indispensáveis à todos para (i) se localizar e se orientar, (ii) para compreender os meios naturais aos quais são confrontados e a maneira de o explorar, (iii) para traçar o inventário dos ligações que os grupos humanos tecem na superfície da terra e descobrir a melhor maneira de lá se orientar e se entreter e (iv) para dar um sentido à sua existência e àquela dos grupos em que faz parte (Claval, 2012)?
- 8 Irá pender para os conhecimentos geográficos que as sociedades históricas desenvolveram, sobre as maneiras que elas resolviam os problemas de orientação e localização, a valorização dos meios e a estruturação das relações sociais? Irá se ligar aos

inventários e aos recenseamentos e as cartas que as autoridades faziam para manter e assegurar o poder? Irá deter-se às análises do espaço e às regras relativas à sua organização que se difundiam para justificar a ordem que as reinavam? Ou irá se interessar, em outro domínio, pelos relatos de viagem e às descrições dos lugares estrangeiros que correspondiam à curiosidade do público (Claval, 2001a)?

- 9 Irá se consagrar exclusivamente à construção dos conhecimentos científicos que rompem deliberadamente com a literatura mais ou menos empírica já consagrada ao problema? Do que resulta, então, a mutação da passagem dos saberes vulgares a um tipo de conhecimento superior? Qual parte lhe cabe, na elaboração dos mesmos, às práticas e ao saber-fazer que lhe precederam (Claval, 2001a)?
- 10 O campo de trabalhos da história da geografia é largo. Eu pessoalmente escolhi e me interessei propriamente à história da geografia humana (Claval, 1976, 1984, 2006): ela se constitui no terceiro terço do século XIX. Tudo que lhe precede aparece então como uma forma de pré-história, que deve ser explorada, mas que não pode explicar o que caracteriza verdadeiramente a disciplina de hoje. Outros, frequentemente inspirados por Michel Foucault, concebem a geografia como uma disciplina do olhar apoiada sobre a carta: tal como Geraoid O'Thuatail (1996), eles a apreendem como uma ferramenta de vigilância e de dominação mobilizada pelos Estados para realizar seus objetivos estratégicos. A história da geografia assim traçada coincide então com a dos procedimentos modernos de levantamento topográfico e de representação, ela começa na Renascença e mostra sobre quais ferramentas é construído o imperialismo ocidental.
- 11 David Livingstone (1992) sublinha por sua parte a diversidade das preocupações dos geógrafos do passado, frequentemente tão preocupados com a astrologia quanto com a diversidade da superfície terrestre. Esse ecumenismo é inocente? Não, pois ele permite à David Livingstone, de reter, como tradição significativa, a primeira tradição que lhe aparece verdadeiramente séria e que é desenvolvida pela Europa protestante a partir da Renascença.
- 12 A construção de uma geografia científica implica assim um olhar crítico sobre os saberes que ela escolhe tratar e sobre o período em que eles são elaborados. A construção de uma história da geografia depende sempre da perspectiva que ela retém, pois esta influencia as pistas que explora aquele que a escreve e as escolhas aos quais ele procede.

3. A construção da história de um desenvolvimento científico repousa sobre a tomada de consciência (i) da dimensão individual, biográfica, da pesquisa, (ii) do contexto onde ela se desenvolve e (iii) da lógica das idéias que ela coloca evidência. Ela implica também (iv) que sejamos conscientes das leituras ideológicas que se pode fazer de todo discurso.

- 13 Para aquele que traça a história da geografia como saber científico, algumas evidências se impõem, como lembra David Livingstone (2009): (i) a disciplina é construída pelos homens, de onde convém conhecer as suas ferramentas mentais, compreender as motivações, cercar as ambições e reconstituir a carreira: a dimensão biográfica é essencial; (ii) os pesquisadores não são isolados; suas obras não podem ser compreendidas

se fizermos abstração do contexto na qual elas se desenvolvem, se não precisemos a maneira cuja geografia é organizada na sociedade na qual eles vivem, e se nós ignorarmos os suportes intelectuais (academias, sociedades de geografia, serviços cartográficos, hidrográficos, estatísticos, etc) do qual eles dispõem.

- 14 As aproximações contextuais, que são reafirmadas desde uma quarentena de anos, têm enriquecido consideravelmente as temáticas abordadas; (iii) se interessar pela história da geografia, é, evidentemente, assinalar as ideais que ela mobiliza, traçar as suas gêneses, demonstrar a lógica interna e analisar a maneira como elas se organizam na evolução da disciplina; não saberíamos, como se fazia muito frequentemente antigamente, reduzir a história da geografia à das idéias que a dominam, mas este domínio se mantém como fundamental. (iv) Uma quarta consideração deve sempre levar em consideração que, qualquer que seja o tema abordado, uma história se apresenta sempre como uma narração, um discurso; mesmo se aqueles que a elaboram ensaiam de limitar a parte da livre criatividade e da imaginação, eles preenchem frequentemente seu texto de significações que vão para além daquilo que trazem suas fontes; se assim não o procedem, são seus leitores que enchem suas publicações de interpretações que não estão implicitamente incluídas. Todo discurso científico pode dar lugar a distorções ideológicas. Isso é mais particularmente verdadeiro nas ciências do homem e da sociedade (Claval, 1980).
- 15 A tomada de consciência das leituras ideológicas das histórias da geografia, constitui uma outra aquisição recente da história das ciências – mesmo sabendo que as vezes a redação de um relato científico responde, desde Francis Bacon, às regras que tem precisamente por objetivo de limitar esses desvios (é necessário evitar de utilizar as palavras da tribo!).

4. A geografia repousa sobre a elaboração de sistemas de informações geográficas.

- 16 As práticas, o saber-fazer e os conhecimentos geográficos tratam da distribuição das realidades naturais, das iniciativas humanas e dos artefatos que resultam dessas iniciativas na superfície terrestre. Para serem facilmente transmissíveis e tornarem-se realmente úteis, o conjunto dos elementos assim reunidos devem estar dispostos sobre uma grade [grille] de localização clara e facilmente legível: ela constitui aquilo que nós chamamos de sistema de informações geográficas (Claval, 2001a). Esse pode ser puramente verbal: cada ponto, cada elemento da superfície terrestre, é designado por uma toponímia, uma oronímia, um hidronímia, regionímia etc. Sua localização é relativa e se faz por comparação: o campo de X é limitado ao Norte pela pradaria de Y, à leste pela vinha de Z, ao Sul pelo pomar de P ,etc.
- 17 Esses sistemas verbais de informação geográficas são progressivamente substituídos por sistemas cuja base é cartográfica; os elementos são localizados em função de suas coordenadas. Os dados são retidos para definir cada ponto ou cada elemento da superfície, que são cada vez mais cifrados.
- 18 A história da geografia depende desses sistemas de informações geográficas que dispõem os pesquisadores. A criação desses sistemas demanda tanto trabalho e um custo tão elevado que não são obra individual e excedem muito os meios de que dispõem as instituições acadêmicas. Eles são financiados pelos Estados para assessorar a cobrança de impostos sobre bases justas (é o caso dos cadastros), para orientar suas políticas ou para

responder às suas preocupações estratégicas (pensamos nos planos de relevo dos militares dos séculos XVII e XVIII, nas cartas dos Estados maiores, aos dados aéreos e de satélites, etc).

- 19 A qualidade dos sistemas de informações geográficas depende da natureza dessas coordenadas (verbais ou cartográficas) sobre as quais elas repousam, sobre as técnicas de levantamento dos quais são obra (enquetes, observações de terreno, teledetecção) e sobre os meios de estocagem e de tratamento das informações que eles mobilizam (procedimentos mnemônicos, inventários sobre papel, dados mecanográficos, ferramentas informatizadas).
- 20 À medida que a história da geografia reflete sobre esses sistemas de informações geográficas que os pesquisadores podem mobilizar, enriquecer ou criar, ela é intimamente ligada às burocracias levadas à cabo pelos Estados e pelas empresas modernas. Os geógrafos não vivem jamais em uma torre de marfim.

5. A geografia é um *métier*; a pesquisa que ela suscita se aplica a um campo e mobiliza um *corpus*; ela se exerce sobre um terreno.

- 21 Para definir aquilo que caracterizava a história tal como era praticada, Marc Bloch (1949) falava de um *métier* do historiador. Walter Freeman, um dos pioneiros da história da geografia nos anos de 1950 e 1960, faz eco a esse pensamento quando publica *The Geographers's Craft* em 1967.
- 22 Traçar a história da geografia tal como ela se desenrolou desde o fim do século XIX, não é somente contar a história da carreira e das pesquisas de um certo número de indivíduos: é sublinhar a formação que eles receberam, os saber-fazer que eles assimilaram, as práticas dos quais eles se impregnaram, é lembrar que suas atividades se inscreviam dentro de um *métier* - o dos geógrafos universitários.
- 23 Aqueles que se diziam dos geógrafos no curso dos períodos precedentes não tinham o mesmo background - a parte de seu *métier* que eles deviam à sua formação de topógrafo ou hidrógrafo era geralmente mais forte. Desde uma geração, as condições evoluíram notavelmente: a pesquisa geográfica é cada vez mais levada à cabo em laboratórios e em outras instituições especializadas. O geógrafo não trabalha mais da mesma maneira. Ele faz parte, frequentemente, de uma equipe pluridisciplinar. Isso modifica suas perspectivas: sua preocupação não é de dobrar-se à lógica própria da explicação geográfica, mas de contribuir eficazmente na solução de problemas abordados por especialistas de várias formações.
- 24 Ter um *métier* é ter adquirido um certo número de atitudes e práticas, assimilado um certo número de saber-fazer, acumulado uma certa quantidade de conhecimentos, afim de analisar diferentes situações, de atacar problemas e lhes criar soluções. É partilhar com outros saberes e saber-fazer que lhe foram ensinados e que se apreende progressivamente ao tratar de problemas reais. O *métier* consiste acima de tudo na maneira de abordar questões de maneira que estes sejam resolvidos, com conhecimentos propriamente ditos. Ter um *métier* é ter acrescentado àquilo que vem da aprendizagem aquilo que resulta da experiência prática, e que concerne frequentemente em dificuldades cujas soluções não se revelam numa primeira observação.

- 25 Ter um *métier* implica que nós dominemos as perspectivas, os métodos e as técnicas que são necessárias quando se trabalha em um certo campo. Em geografia, o pesquisador deve conhecer os sistemas de informações geográficos que existem e dominar sua base cartográfica; ele deve ter uma ideia clara das forças e dos processos a se trabalhar em seu domínio de investigação - em se tratando de geografia econômica, de geografia social, de geografia política, de geografia regional, etc.
- 26 O pesquisador é movido pela curiosidade, mas se esta é seu único azimute, ele se dispersa. Isto o impede de ir ao essencial, de assinalar os problemas que se põem verdadeiramente e de encontrar o ângulo sob o qual convém atacar o problema: nessas condições, o trabalho avança muito pouco. O pesquisador tem então interesse em circunscrever o ou os problemas abordados: ele retém somente então os problemas que lhe parecem úteis para responder as questões que ele se coloca. Ele trabalha sobre um *corpus* atenciosamente definido.
- 27 A pesquisa geográfica tem como alvo o espaço. O *corpus* que delimita o geógrafo, e que ele analisa em todos os aspectos, tem a particularidade de se apresentar bastante comumente como um terreno, onde convém explorar todas as suas especificidades. Um jovem doutorando em geografia se distingue de homólogos em história, em ciências econômicas, em sociologia ou em ciências políticas porque seu *corpus* não se apresenta como um conjunto de arquivos, de textos antigos ou contemporâneos, de estatísticas, de sondagens ou de enquetes: ele é um pedaço da superfície terrestre sobre o qual estão dispostos os dados, mas que convém completar com observações e entrevistas. O arqueólogo e o etnólogo são igualmente homens de terreno, mas os espaços que eles tratam são de natureza diferente: eles são descontínuos, quase pontuais, para aqueles que se interessam nas ruínas e restos arqueológicos; para os etnólogos, eles se localizam essencialmente no universo das relações e das representações sociais.
- 28 Nem todo pesquisador de geografia faz pesquisa de terreno. No mundo anglófono, onde muitos dos trabalhos se dedicam em colocar em evidência as regularidades ou as verificações empíricas dos resultados teóricos, a matéria é frequentemente estatística, como para os economistas. Na França, onde a tradição regional se mantém forte, o terreno continua a aparecer como uma característica maior do trabalho de pesquisa.
- 29 Caracterizar a pesquisa geográfica como um *métier*, que permite desenvolver competências especiais em certos campos, sublinhar como um bom recorte do projeto conduz o geógrafo a um *corpus* que fixa os limites racionais ao trabalho exigido, e mostrar como, em muitos dos casos, isto leva o geógrafo a trabalhar sobre um terreno específico, é colocar em evidência os contornos de uma certa sociologia da pesquisa.

6. A história da geografia traça uma evolução; esta pode tomar muitas formas.

- 30 Recontar o desenvolvimento de uma ciência é reconstituir um movimento. Esse nasce da acumulação de resultados, do refinamento de interpretações cada vez mais seguras e mais notáveis. O trajeto que percorre a geografia, dessa forma, pode tomar uma forma linear e contínua: trata-se do esquema mais simples, esse que prevaleceu por longo período. Outras interpretações são hoje preferidas: elas colocam acento sobre a pluralidade dos impulsos aos quais os avanços estão submetidos, precisam as discontinuidades ou inflexões que estes conhecem, ou cerceiam de maneira mais precisa os movimentos

intelectuais que progridem, se retraem e se transformam se difundindo no conjunto de uma sociedade.

6.1. As trajetórias lineares

- 31 O primeiro esquema de interpretação que propõem os historiadores da geografia é frequentemente linear: com o tempo, os conhecimentos se acumulam, os saberes se consolidam e se estruturam de maneira mais coerente.
- 32 O propósito da história da geografia foi durante muito tempo o de tentar mostrar as etapas da “descoberta” da Terra (Claval, 2006). O termo não corresponde exatamente aquilo que estava em jogo: a América não foi “descoberta” por Cristóvão Colombo, mas pelos primeiros ameríndios vindos do Nordeste da Ásia alguns mil anos antes! A primeira travessia do Atlântico traz outra coisa: a possibilidade de inscrever, no conjunto de pontos de referências potencialmente universais que a geografia grega havia imaginado, lugares que até então não haviam sido reconhecidos. Desse ponto de vista, a disciplina se desenvolve de maneira contínua, no ritmo das explorações que conduzem os viajantes ocidentais à cartografar o conjunto das costas do mundo a partir do século XVI, à fazer o levantamento da totalidade da América do Norte e do Sul desde o século XVI até a metade do século XIX, à penetrar na África e nas profundezas da Ásia no decorrer do século XIX, e a explorar as regiões polares por inteiro no começo do século XX.
- 33 É interessante saber como as coordenadas de localização imaginada pelos gregos tornaram-se efetivamente universal, mas este relato se presta facilmente à interpretações ideológicas - que geralmente prevaleceram: no lugar de falar na integração progressiva dos lugares na grade geral de localizações, fala-se da descoberta progressiva da terra pelos povos ocidentais! A história da geografia torna-se então uma reprodução da história do imperialismo europeu - que ela justifica em parte.
- 34 A geografia muda de ambição entre o final do século XVIII e o início do século XIX: ela não se contenta em integrar os conjuntos dos lugares conhecidos na grade de localização imaginada no curso da Antiguidade. Ela busca compreender as dinâmicas que moldam os meios naturais - movimentos tectônicos, erosão, climas - e que estruturam as sociedades humanas - produção primária, troca, hierarquização das relações sociais, etc. Aí também, o desenvolvimento é inicialmente concebido segundo o modelo cumulativo e linear: os conhecimentos se ligam uns aos outros; a geografia resulta de um processo de acreção e agregação. As abordagens positivistas adotam este modelo. Sua insuficiência aparece na metade do século XX. Muitos outros modelos são então imaginados para lhe substituir.

6.2. Círculos de afinidades e pluralidade das impulsões [*impulsions*]¹

- 35 Para analisar esses novos esquemas, podemos partir dos termos utilizados para colocar em evidência as dinâmicas da disciplina: segundo o caso, fala-se de círculos de afinidades, rupturas epistemológicas, de virada cultural.
- 36 No fim do século XIX, a geografia não era ainda uma disciplina essencialmente universitária. Vincent Berdoulay (1981) a descreve como estruturada em grupos unidos por curiosidades partilhadas: estes são os círculos de afinidades. Eles se apóiam sobre instituições; uma publicação frequentemente confedera seus esforços.

- 37 6.2.1. Um primeiro círculo de afinidades se estrutura em torno da Sociedade de Geografia de Paris e se liga aos inventários terrestres que são levados à cabo pelas explorações. Sua ligação com o mundo político e com alguns grupos comerciais é assegurada pela presença, no seio do comitê executivo, de generais, representantes da aristocracia ou de membros do governo central. O *Bulletin de la Société de Géographie*, tornado em 1900 *La Géographie* serve de início para publicar as notas de exploração sendo que o leque de temas abordados se alarga no início do século XX.
- 38 6.2.2. Os especialistas em geografia histórica formam um segundo grupo. Igualmente ligado à Sociedade de Geografia. Himly, titular da cadeira de geografia da Sorbonne até 1898, se constitui como o representante mais eminente. O *Bulletin de géographie historique et descriptive* do 'Comitê de trabalhos históricos e científicos' dá uma ideia dos temas dominantes deste círculo, e se constitui como o meio de expressão privilegiado.
- 39 6.2.3. Entre 1870 e 1900, Ludovic Drapeyron joga um papel importante na cena geográfica. Esse professor de colégio apaixona-se pelo ensino da topografia, que ele julga indispensável para a formação de cidadãos, de forma que eles conhecessem seu país e para que fossem capazes de participar de operações militares sob o terreno. A *Revue de géographie*, que ele funda em 1877, lhe assegura o apoio de alguns grandes personagens da época, como Ferdinand de Lesseps.
- 40 6.2.4. Emile Levasseur tem uma outra dimensão: historiador, pioneiro da história econômica e social, estatístico, demógrafo, geógrafo, ele procura nas ciências sociais as respostas para as necessidades de uma sociedade que se moderniza rapidamente. Graças a ele, a geografia está em contato com os economistas da época. Ele se interessa por alguns alunos de Le Play, que editam a *Réforme Sociale*.
- 41 6.2.5. Entre os discípulos de Le Play, o pequeno grupo de *La science sociale*, girando em torno de Edouard Demolins, o abade Henri de Tourville e de Paul de Rouziers, se ligam mais particularmente ao papel dos lugares, de forma que a sociologia que eles escrevem é geográfica: eles falam de geografia social antes mesmo que expressão geografia humana fosse inventada.
- 42 6.2.6. O círculo de afinidades que Vidal de la Blache domina é estruturado em torno da instituição onde ele ensinou por longo tempo, a Escola Normal Superior, e dos *Annales de Géographie*, que ele lança em 1891. Recrutados entre os normalianos, os integrantes foram um grupo, no fim do século XIX, muito jovem e dinâmico. Ele se apóia nos modelos alemães: o círculo de Carl Ritter e Friedrich Ratzel. Ele é aberto aos trabalhos de inspiração histórica, pré-história e a geologia. A preocupação patriótica é presente, mas que visam mais a desenvolver as aptitudes da França do que assegurar a promoção do Império.
- 43 O quadro desenhado por Vincent Berdoulay, que traça círculos de afinidades no seio do qual a geografia se elabora em fins do século XIX, é muito rico (Berdoulay, 1981). Nesse contexto, pode-se observar o papel que tinham os jovens editores: Emile Templier, genro do fundador das Edições Hachette, responsável pelos guias *Joanne*, encontra muito cedo Elisée Reclus. Quando este está no exílio, depois da Comuna, Templier lhe confia a redação de 19 volumes da *Nouvelle Géographie Universelle*. Ele oferece a Reclus os meios que lhe permitem de fazer contato, para cada volume, com os melhores especialistas de cada país tratado. Curiosa rede, na verdade, financiada por uma empresa capitalista dinâmica e que mistura anarquistas aos membros mais prestigiosos das Academias Científicas e das Sociedades de Geografia de todo o mundo!

- 44 Os círculos de afinidades estão em movimento. O quadro que pinta Vincent Berdoulay vale sobretudo para os anos de 1880 e 1890. Com o tempo, certos grupos se distinguem; é caso dos vidalianos, como mostrou Olivier Soubeyran (1997). Outros círculos se formam. O da morfologia social é particularmente importante: nos idos dos 1900, os mais brilhantes dos normalianos, seduzidos pelos ensinamentos de Emile Durkheim, se voltam para a sociologia, reduzindo assim o número de alunos que optam pela geografia.
- 45 A ideia de círculo de afinidades é fecunda na medida em que ela mostra que a história das ideias não se desenvolve de maneira linear. Ela coloca em evidência a diversidade das impulsões e dos projetos que coabitam e se influenciam: ao mesmo tempo, ela coloca acento sobre os debates políticos e os interesses econômicos do momento.
- 46 O modelo perde uma parte de sua utilidade quando a disciplina logra se institucionalizar, em torno de 1900, e torna-se essencialmente universitária. Ele poderia, no entanto, ser aplicado a outras épocas: seria interessante conhecer os círculos de afinidades marxistas, esquerdistas ou liberais dos anos de 1950 e 1960, mas o trabalho ainda não foi levado a cabo por ninguém. São outras lógicas que serão mobilizadas.

6.3. A ideia de escola

- 47 A partir do momento em que a geografia se institucionaliza, é frequente a recorrer à ideia de escola para pensar o seu desenvolvimento: de saída, existe uma impulsão dada pelo gênio fundador; o movimento toma em seguida uma forma linear e contínua. O modelo é sobretudo utilizado para o fim do século XIX e início do XX, um momento onde a geografia torna-se uma disciplina acadêmica em um mundo universitário que é então fortemente hierarquizado (Claval, 1984; 2001 b); ele apresenta menos interesse para o período contemporâneo.
- 48 É na França que este modelo parece melhor adaptável: os professores das universidades alemãs tem mais recursos, mais poder, porém o ensino superior é menos centralizado que na França. Cada orientador envolve-se com doutorandos e doutores, aos quais ele transmite e impõe suas maneiras de ver, mas nenhum mestre domina institucionalmente a cena geográfica alemã. Isso criou uma atmosfera de livre discussão, que rende ainda debates apaixonados sobre as metodologias alemãs do final do século XIX e início do XX, o *Methodenstreiten* em particular.
- 49 A situação francesa é diferente: todas as teses são defendidas, de início, na Sorbonne. De 1898 até 1910, Vidal de la Blache orienta quase todas as teses. Sua autoridade é reforçada pela sua presença no Comitê Consultivo das Universidades. Daí a ideia - que não encaixa-se com sua personalidade e com sua correspondência - que ele era uma espécie de ditador da geografia francesa e que teria se desviados dos problemas do momento. Essa é a tese de Yves Lacoste (1976) quando ele publica *La Géographie, ça sert surtout à faire la guerre!* Ele renuncia a essa interpretação depois de ter lido *La France de l'Est* - enquanto que Jacques Lévy continua a ver em Vidal o grande responsável de todas as fraquezas e derivas da geografia francesa! Muitos professores de colégios e de liceus permaneceram fiéis a essa visão caricatural.
- 50 O modelo de escola é desinteressante? Não! Fala-se, na primeira metade do século XX da escola francesa, escola alemã e de duas escolas americanas, uma do Meio-Oeste e outra de Berkeley. Não é o sinal que esse modelo dá conta de algumas das especificidades da disciplina?

- 51 A ideia de uma única coerência ligada à autoridade de um mestre ou à importância das instituições nacionais não é convincente. A escola vidaliana não nasce da vontade de dominação de Vidal de la Blache e de sua posição institucional; ela é construída por seus discípulos. As ideias do Mestre não cessam de se aprimorar e de se estruturar segundo novas perspectivas: mas aquilo que se tornou difundido se inspira sobre os temas que expunha Vidal no momento que ele ministrava seus cursos; eles não se dão o trabalho de seguir a evolução da geografia do mestre. Lucien Gallois, que joga um papel essencial nessa construção, mantém-se ligado a idéia de região natural, que Vidal introduz nos anos de 1880. Ele diminui o lugar que seu mestre dá à construção histórica da região, essencial no *Tableau de la géographie de la France* (Vidal e la Blache, 1903) e condena, em *Régions Naturelle et noms de pays* (Gallois, 1909), as pesquisas sobre as regiões industriais e urbanas, que se constituem como o aporte mais original de Vidal a partir de 1905. Os doutorandos, intimidados por Vidal, consultam Lucien Gallois antes de encontrar o mestre. Gallois aproveita para insistir no seu interesse pelos temas regionais. No entanto, sua correspondência com Jean Brunhes, Vidal mostra-se aberto a outros tipos de pesquisa: a única vantagem que ele concede à tese regional vem do fato que o candidato apareça, no dia da defesa, como o único verdadeiro especialista do tema tratado, o que o coloca em posição de força!²
- 52 As escolas não nascem, portanto, automaticamente da autoridade intelectual e institucional de um mestre. Que elas sejam dominadas por uma personalidade forte, isso é certo, mas não é sempre o caso. Se a escola de Berkeley estrutura-se ao redor de Carl Sauer, a escola do Meio-Oeste não se constrói ao redor de um nome.
- 53 Então, trata-se do seguinte problema: o que faz com que em alguns momentos os geógrafos reclamem uma concepção particular da geografia, de seu desenvolvimento, de seus métodos, no lugar de destacar o caráter universal das abordagens utilizadas? A resposta: trata-se do impasse epistemológico ao qual a geografia humana se encontra desde Ratzel: concebida como uma ecologia do homem, como um estudo das relações entre os grupos humanos e o meio, ela postula a princípio que é o meio que modela as sociedades humanas: mas esta posição parece imediatamente indefensável. Quando é necessário dar mais lugar à iniciativa humana, e enquanto o problema permanece proposto em termos das relações homem/meio, ele não comporta uma solução geral. Na França, onde a perspectiva possibilista tem maior espaço, coloca-se ênfase na formação da densidade e na organização regional [para conferir maior espaço ao homem, *nota dos tradutores*]. Na Alemanha, escolheu-se um enfoque através da paisagem, pois ela engloba de uma só vez o quadro ambiental e a presença humana; ela dá lugar igualmente a idéia de região (devido à dupla significação da palavra *Landschaft* em alemão). Nos Estados Unidos, os geógrafos do Meio-Oeste tentam tirar a geografia desse impasse reforçando seu rigor metodológico. Carl Sauer é próximo dos alemães pela ênfase que confere à paisagem, mas ele a interpreta de maneira original, uma vez que, para ele, o ambiente vegetal e animal das sociedades humanas é uma criação em parte voluntária do homem e em parte involuntária (pela proliferação de ervas daninhas, por exemplo).
- 54 Houve uma época das “escolas de geografia”: é essa que surge com o nascimento da geografia humana até o aprofundamento da reflexão sobre seus fundamentos, depois da Segunda Guerra; a partir de então vemos o momento em que a geografia humana mostra-se incapaz de propor uma interpretação geral e coerente da realidade que ela analisa.

6.4. A ideia de ruptura: paradigmas e revoluções científicas

- 55 A história da geografia não é um longo rio tranquilo cujas águas não cessam de se avolumar. Ela é feita de descontinuidades - para a geografia humana, por exemplo, a primeira delas ocorre primeiramente nos anos 1880-1900, quando a disciplina emerge na Alemanha e depois na França.
- 56 Como abordar esses períodos de ruptura? Eu me encontrei diante desse problema enquanto redigi o *Ensaio sobre a evolução da geografia humana* em 1962-1963 (Claval, 1964). Dos anos de 1880 até os de 1950, o movimento da disciplina se inscreve em uma mesma lógica: para qualificar esse período, eu chamei de 'geografia clássica'. Não é um período de estagnação: a disciplina não cessa de aumentar seu campo, o estudo dos estabelecimentos humanos, no seu estágio inicial, se distingue doravante daquilo que se vê nos campos e o que se tratou sobre as cidades. A geografia econômica, mais antiga que a geografia humana, se desenvolve. A geografia política conhece um sucesso considerável, que se completa com o da geopolítica. Os trabalhos de geografia histórica se multiplicam. Em duas gerações, o panorama da disciplina mudou completamente, mas sem que os problemas que ela se colocava (o lugar da influência do meio sobre o homem) e as soluções que ela imagina (o possibilismo, sob todas suas formas e ambiguidades) tenham se modificado.
- 57 O que se delineia nos anos 1950 é diferente. A ênfase deixa de ser colocada na análise regional; os geógrafos não se contentam mais em destacar a singularidade dos lugares; eles ensaiam de explicar as regularidades que os lugares frequentemente manifestam. Espera-se também que a geografia contribua ao desenvolvimento econômico: os saberes que ela propõe devem ser portanto aplicáveis. Para se chegar a isso, os pesquisadores debruçam-se sobre economia espacial. Como o conjunto da análise econômica, ela repousa na ideia que o mundo é modelado pelas decisões humanas, que são, no seu conjunto, racionais, mas que se combinam com mecanismos, cujos efeitos são comumente inesperados.
- 58 Eu creio ter sido o primeiro a apresentar uma interpretação da história da geografia contemporânea que repousava sobre uma ruptura. Mas, na minha interpretação, esta ruptura não estava completa: tanto em Ratzel como em Vidal de Blache, a geografia repousava sob duas bases. Ela analisava as relações dos grupos humanos com os meios (tratava-se de relações 'verticais', locais, comumente) e a circulação (que corresponde aos laços 'horizontais'). Esse segundo aspecto tinha sido negligenciado, como sublinharam os grandes iniciadores da modernização da disciplina: Jean Gottmann (1947; 1952) na França, e Edward Ullman (1953), nos Estados Unidos. Para mim, portanto, a ruptura resultava mais de uma retomada, de um campo negligenciado, do que de introdução de perspectivas radicalmente novas.
- 59 A interpretação dessa evolução nos Estados Unidos é diferente. É o conjunto do desenvolvimento disciplinar que é colocado em causa por Fred K. Schaefer (1953). Ele se lança violentamente contra a aproximação regional que Richard Hartshorne (1939) tornou essencial na geografia. Antes de sair da Áustria e de emigrar para os Estados Unidos, Schaefer teve contato com as ideias do círculo de Viena e com o neopositivismo lógico. É, portanto, em termos de epistemologia geral que o problema da geografia é colocado a partir de então, mais do que em termos de epistemologia disciplinar - eu penso, pessoalmente, que nós devíamos dar mais atenção aos debates epistemológicos

gerais, mas que devemos tomar cuidado para não importá-los sem precaução, sob pena de criar falsos problemas.

- 60 William Bunge retoma a tese de Schaefer e faz da ideia de uma ruptura total com a geografia tradicional a base de sua obra *Theoretical Geography* (1962). A disciplina é uma verdadeira ciência, próxima da geometria, uma vez que ela trata dos fatos de localização e da superfície: é uma ciência *nomotética*: ela estabelece leis. Não é uma disciplina *ideográfica*, ou seja, preocupada com singularidades locais.
- 61 A publicação, quase contemporânea a esses autores, de *A estrutura das revoluções científicas* de Thomas Kuhn (1962) garante o sucesso dessa interpretação. Sabe-se, desde dos anos 1930, que a Razão científica não nasceu subitamente. Ela se construiu progressivamente. Alexandre Koyré destaca a importância da revolução galileiana. A questão da ótica ondulatória e o nascimento da ótica corpuscular conduz, nos anos de 1920, a uma transformação também muito importante. A ciência progride de paradigma em paradigma (um modo reconhecido de explicação) através das revoluções científicas. A geografia de ontem é uma disciplina de observação ancorada no destacamento das singularidades. A nova geografia renunciava o excepcionalismo até então dominante: ela coloca em evidência nas regularidades, que explica por hipóteses sujeitas à verificação empírica – daí a importância dos métodos quantitativos, colocados em evidência nesse momento. *Explanation in Geography* publicado por David Harvey em 1969, destaca que a Nova Geografia está no meio-fio de uma epistemologia neopositivista que estava então na moda.
- 62 As consequências das ideias de Kuhn se manifestam rapidamente. Existem duas categorias de pesquisadores: aqueles que acumulam os resultados sem se preocupar em atualizar sistematicamente a sua explicação, e aqueles que compreendem rapidamente as distâncias entre as mensurações esperadas e os dados reais, colocando em questão o paradigma dominante, e se empenhando em inventar outros. Para os segundos, as honras, a glória! A consequência? As revoluções científicas se multiplicam. No lugar de se suceder de uma em três séculos, como na física, na geografia, a história é contada como se sucedessem duas ou três revoluções em uma década! Isso é sério?

6.5. Da ideia de revolução científica para a ideia de “virada”

- 63 Para tratar da evolução da geografia nos últimos quarenta anos, quase não se faz mais recurso da ideia de revolução científica. Ela se adapta mal às realidades observadas nas ciências do homem e da sociedade. Com isso não se quer dizer que não existam descontinuidades, mas que elas são de outra natureza: os termos empregados explicam essa mudança, uma vez que, na segunda metade dos anos 1980, fala-se de uma *virada* espacial das ciências sociais e de uma *virada linguística* da história, antes de se mostrar que a geografia atravessa por uma *virada cultural*. A expressão aparece no final dos anos 1990 (Cooke *et al.*, 2000; Valentine, 2001), e define o conjunto das mudanças que a disciplina conhece desde os anos de 1970.
- 64 As descontinuidades que ora se qualificam como de revolução científica ora de virada (linguística, espacial, cultural...) não são da mesma natureza. A revolução científica nasce de uma revisão dos princípios e dos mecanismos sob os quais repousavam até então a explicação geral: vai-se mais fundo na lógica dos fatos que se estuda, o que permite colocar em evidência mecanismos até então ignorados. A virada cultural não resulta do mesmo processo; ela não nasce de um aprofundamento do conhecimento do real, mas de

uma mudança da perspectiva que se adota para o estudar. E a *virada espacial* das ciências sociais? Ela surge de uma constatação: os sociólogos e muitos outros especialistas em ciências sociais consideraram por um longo período que o tempo constituía a variável essencial para se compreender as realidades sociais, o que os conduzia a uma redução do papel do espaço. Com o fim das filosofias da história e a crítica à ideia de progresso, parou-se de crer que tudo podia ser interpretado em termos de evolução. Daí o novo interesse pelos lugares e pelo espaço!

- 65 E a *virada linguística* da história? Também é o resultado de uma mudança de perspectiva. Os historiadores supunham que numa época dada, a mesma lógica estava agindo em todas as camadas da sociedade. Isso foi posto em dúvida: para que se queira compreender a história da Índia colonial, não podia-se contentar com os óculos que o colonizador britânico os impôs, há um século e meio, para aqueles que a analisam. Deve-se também prestar atenção na “massa” da população - nos grupos ‘subalternos’ (Chatterjee *et al.*, 2000) e sua maneira de viver, de pensar e de expressar essa experiência: daí a importância da virada linguística.
- 66 E quanto a *virada cultural* da geografia? Ela nasce, como as outras, de uma mudança de óptica que caracteriza as ciências do homem e da sociedade desde os arredores de 1970, junto com o fim das ideologias do progresso e das filosofias da história, com a crítica do pensamento ocidental e a tomada de consciência de grupos sociais que até então eram negligenciados (os grupos ‘subalternos’, que se tratam de mulheres, de crianças, de pessoas idosas, de minorias étnicas e das populações dominadas). Na geografia, a virada cultural destaca primeiramente que os lugares não são vividos por todos da mesma maneira: sua significação reflete a cultura daqueles que lá residem e o frequentam. As categorias ‘científicas’ utilizadas para analisar a realidade geográfica refletem elas mesmas as atitudes, os preconceitos e o sistema de idéias dominantes. Os crescimentos econômicos não são os mesmos em uma sociedade onde as trocas repousam sob o dom e o contra-dom, sob a coleta centralizada e a redistribuição, ou sob o mercado, para retomar as categorias propostas por Karl Polanyi em 1944.
- 67 A virada cultural tem uma dupla consequência: (1) a abordagem cultural, presente desde a origem da geografia humana, cessa de colocar ênfase nos artefatos, nos utensílios e na tradução objetiva das diferenças nas maneiras de sentir e pensar; ela parte agora das representações e do imaginário; ela destina um grande espaço para a experiência humana e ao sentido que o povo dá ao seu meio e à sua inserção no mundo; (2) a abordagem cultural conduz à relativização das divisões tradicionais da disciplina; ela mostra, por exemplo, que a economia não é pensada e organizada através dos mesmos quadros, e que ela não repousa sobre os mesmos mecanismos, no mundo tradicional e nas sociedades mercantes contemporâneas.

7. A análise dos movimentos intelectuais

- 68 As interpretações que propõem a história da geografia são muitas vezes mais ambiciosas: elas tentaram apreender num mesmo movimento o contexto intelectual no qual se desenvolve o objeto, as condições materiais sob as quais eles estão, e o trabalho dos pesquisadores. A inspiração vem muitas vezes de Michel Foucault. Ela se apóia também nas novas formas da sociologia da ciência.

7.1. A dinâmica dos movimentos intelectuais: germinação, difusão, reinterpretação

- 69 A ideia de movimento intelectual oferece uma maneira fecunda de explicar a dinâmica do pensamento científico. Ela deve uma grande parte de seu sucesso à Michel Foucault (1966; 1969), que qualificava de *epistemes* as perspectivas que estruturam curiosidades e correntes de pesquisa em um dado momento; essas perspectivas se exprimem nos grandes discursos.
- 70 Essa abordagem repousa sob um pressuposto essencial: as ideias evoluem em um quadro que ignora os limites dis e, de uma certa maneira, as fronteiras geográficas; elas circulam num meio de intelectuais e de pesquisadores que se informam pro inclinação em relação ao que se passa no campo geral do saber. Em certos momentos, eles “são ganhos” por novas maneiras de compreender seus trabalhos e se empenham em se alimentar de expectativas similares acerca do que deve ser o progresso dos conhecimentos científicos. A ideia de movimento intelectual conceitualiza assim a noção de contexto; é o conjunto da vida intelectual de uma época que é avaliado; o enfoque tem da mesma forma uma dimensão pluridisciplinar.
- 71 Tomemos um exemplo. O movimento científico moderno, lançado pelos físicos e pelos matemáticos em Viena nos anos 1920 (Carnap, 1935), toca o conjunto das ciências sociais a partir dos anos 1930: na história, na ciência econômica, as pesquisadores tomam então consciência das fraquezas de seus disciplinas; elas não chegam a rivalizar com as ciências físicas ou naturais (pelo o rigor de seus métodos e a riqueza de seus resultados). Trata-se apenas de torná-las mais coerentes aplicando procedimentos ‘científicos’ no sentido das ciências exatas - atribuindo-lhes uma base teórica que demanda ser confrontada pelas verificações empíricas.
- 72 Desde antes da segunda guerra, o movimento afeta a economia (como mostra por sua vez seus progressos teóricos - a análise macroeconômica em particular - e o reforço de seus métodos de observação, com o desenvolvimento da econometria), a história econômica (ou os trabalhos sobre os ciclos econômicos que se multiplicam) e a psicologia (que recorre, para interpretar os teste de inteligência que ela acabou de inventar, à análise fatorial).
- 73 A influência do movimento se reforça durante a segunda guerra mundial: a acentuação das hostilidades faz refletir sobre a preparação logística dos bombardeamentos ou dos desembarques, o que desemboca na análise operacional. Aprende-se também a mobilizar as novas ferramentas estatísticas e matemáticas. O computador surge. Os trabalhos sobre o radar fazem compreender melhor o funcionamento dos sistemas utilizados: a cibernética tira partido disso.
- 74 O movimento científico que se desenvolve depois da segunda guerra mundial combina a preocupação de rigor, a convicção do progresso da pesquisa matemática, os novos recursos da estatística e invenção de novas disciplinas oferecem às ciências sociais as ferramentas que lhe faltam até então. A confiança que se coloca no futuro das ciências do homem sai reforçada, como Lévi-Strauss (1955) o sublinha.
- 75 As novas reflexões sobre o futuro das ciências ganham a geografia nos anos 1940 e 1950. Elas são motivadas pela preocupação de criar uma ciência mais aplicável, mais capaz de

apontar os diagnósticos sobre os problemas do desenvolvimento e mais apta a propor métodos racionais de planejamento.

- 76 A inspiração vem da economia espacial, dos modelos gravitacionais, da reflexão sobre os campos de força. Ela insiste em uma geometria de certas distribuições, as dos lugares centrais em particular. Ela mobiliza novas ferramentas para analisar esses aspectos da realidade.
- 77 Como e a partir de quando esse movimento intelectual afeta a geografia francófona europeia? Que parte de sua inspiração provem das evoluções vizinhas que se observa na sociologia, na história ou nas ciências políticas francesas? Qual foi, por exemplo, a influência de Benzecri no domínio das ferramentas estatísticas? A de Edgar Morin sobre a ideia de sistema?
- 78 À medida que os resultados obtidos pelas novas orientações se acumulam, aqueles que são por eles responsáveis tomam consciência do valor de sua abordagem. O movimento de curiosidade, e o messianismo científico que o caracterizava dão lugar a uma ideologia científica que fixa o movimento...

7.2. A história da geografia como análise das práticas dos pesquisadores

- 79 À esses enfoques se opõem aqueles que priorizam mais as práticas dos geógrafos. Fazem parte desse movimento, que se desenvolve a mais de trinta anos na França, os trabalhos de Marie-Claire Robic e do laboratório que ela dirige há um longo tempo (*Var. Aut.*, 1993; Beaudelle *et al.*, 2001) e que ocupam lugar essencial.
- 80 Esses pesquisadores precisam, por exemplo, os usos da carta ou do globo, detalham os empregos da imagem, mostram a significação dos croquis feitos no campo e os que são concebidos com fins pedagógicos - e que constituem uma parte essencial da geomorfologia na época de William Morris Davis ou de Emmanuel de Martonne. Eles insistem nas ferramentas pedagógicas empregadas pela disciplina. Elas colocam ênfase no progresso que constitui, nesse domínio, o recurso da fotografia - o que é particularmente exemplar na obra de Jean Brunhes.
- 81 Um passo importante é atingido com os trabalhos de Anne Volvey (2003). Sente-se aí a influência da psicanálise: as práticas não destacam somente a dimensão material da pesquisa, as ferramentas que ela mobiliza. Elas marcam a personalidade do pesquisador: o trabalho de campo acaba por pesar fortemente no seu inconsciente.

8. A sociologia das ciências: a história da geografia entre práticas, dispositivos de pesquisa e mercado das ideias

- 82 No rastro de Bruno Latour (Latour, 1992; 2012; Latour e Wolgar, 1979), a sociologia das ciências propõe uma nova concepção sobre a evolução da pesquisa. As abordagens até aqui evocadas repousavam sobre uma visão tacitamente aceita do que é uma disciplina científica: o enfoque estava colocado nos projetos que inspiravam os pesquisadores, sobre os métodos que eles mobilizavam e sobre os tipos de explicação que eles privilegiavam. É nesses termos que os cientistas expunham, aliás, suas abordagens.

- 83 A sociologia das ciências adota um ponto de vista diferente. Ela aplica na pesquisa sobre as ciências os métodos que os cientistas se utilizam para analisar os aspectos do real que os interessam. Ela aborda a realidade a partir do exterior e dá tanta atenção aos materiais e aos instrumentos que uma experiência utiliza quanto aos sujeitos: “no lugar de se interessar pelos sujeitos (humanos) e os objetos (não humanos), ela imagina atores que podem ser humanos e não humanos e que cooperam para se fazerem existir reciprocamente” (*Le monde des livres*, 21/09/2012, p. 6): isso é a teoria do ator-rede.
- 84 A abordagem apreende o movimento da ciência através dos ‘dispositivos’ complexos que ela mobiliza, os materiais que ela emprega, os lugares onde ela se desenvolve, as fases do trabalho que ela implica - do laboratório à escrita e à difusão de resultados. Os processos atuam em vários cenários: o lugar onde tem lugar as experiências, aqueles onde os resultados são elaborados e o espaço científico público (revistas, conferências, redes de internet) onde devem triunfar as visões contraditórias.
- 85 Essa concepção da história das ciências conhece um grande sucesso na última geração. Graças a ela, o historiador se encontra em posição de força frente aqueles que ele estuda: ele não está mais a escuta daqueles que dizem e procuram se fazer crer; ele parte daquilo que se observa, do aparelho ao redor dos pesquisadores, para sustentar suas teses, os meios que eles mobilizam para fazer conhecer e as estratégias que eles desenvolvem para se impor na comunidade científica.
- 86 Na história das ciências, a perspectiva da sociologia científica constitui uma inovação fecunda: num contexto histórico e geográfico dado e numa situação institucional que é feita para a pesquisa, as opções do pesquisador encontram-se numa larga medida determinadas pela posição que ele ocupa e os instrumentos de que ele dispõe.
- 87 Os trabalhos inspirados por Bruno Latour tem um eco na geografia. A tese de Yann Calbérac que aborda o *Terrains de Géographes, Géographes de Terrain. Communauté et imaginaire disciplinaires au miroir des pratiques des terrain des géographes français du XXe siècle*, assim o mostra. Como na obra de Marie-Claire Robic, a ênfase é colocada nas práticas; como em Anne Volvey, o ator-rede (ou os atores-redes) que constituem o campo [terrain, no original] é colocado no centro da análise. O trabalho é concebido em termos de sociologia das ciências. O objetivo não é identificar o movimento das ideias, mas de mostrar como uma comunidade científica se constrói ao redor de uma prática e das representações que ela suscita.
- 88 Yann Calbérac distingue três etapas na elaboração dos ‘saberes’ geográficos: 1- a prática geográfica está centrada no trabalho de campo, onde o pesquisador leva a cabo suas observações; 2- os resultados são então redigidos: a escrita lhes dá um sentido; 3- no final, o trabalho inscreve-se num discurso, que é confrontado a outros, o que lhe dão a significação pelo qual é reconhecido.
- 89 Em sua análise, Yann Calbérac tira uma conclusão: o pesquisador se faz agir pelo dispositivo material e social na qual ela se insere: “[...] não é mais o geógrafo que faz o campo (respeitando os códigos e as regras em uso na sua disciplina), mas efetivamente o campo que faz o geógrafo [...]” (Calbérac, 2010, p. 369).
- 90 Até que ponto pode-se aceitar o diagnóstico que a ‘sociologia das ciências’ traz para a geografia?
- 91 i. A pesquisa não implica sempre em trabalho de campo, no sentido estrito do termo. Quem é colocado na obrigação de ‘fazer’ o campo, o pensa, o organiza e o utiliza, por outro lado, em função da sua sensibilidade, de suas preferências, de suas intuições. Toda

interpretação que concebe muitos espaços para as determinações 'sociológicas' da pesquisa esquece que ela trata do homem e não de robôs; ela ignora a parte da improvisação, do sonho, da intuição que leva alguns pesquisadores a ver um problema onde os outros nada percebem e que os ajudam a imaginar uma solução. Fleming teria descoberto a penicilina se as provetas estivessem sempre impecavelmente limpas, e se ele não tivesse se perguntado sobre a evolução das colônias que se desenvolviam nelas?

- 92 ii. O trabalho de escrita é menos livre que a sociologia das ciências supõe, uma vez que suas demonstrações devem ser apoiar sobre as observações e as experiências.
- 93 iii. Em um dado momento, a história da geografia não se exprime apenas através de um único discurso. Muitos estão em competição, o que deixa uma escolha ao pesquisador e ao leitor e incita à invenção de novas interpretações.
- 94 Reduzindo a primeira fase do trabalho do geógrafo ao campo, a sociologia das ciências, nos seus desenvolvimentos atuais, não leva em conta a diversidade real das formas de pesquisa; ao insistir no aspecto construtor de sentido de toda retórica, ela esquece de assinalar que a ciência busca, desde suas origens, a eliminação dos 'passageiros clandestinos' que carregam as palavras e os discursos. Essa simplificação acentua o caráter construtivista da geografia, sem que a natureza de seu desenvolvimento seja realmente precisada.
- 95 A sociologia das ciências oferece uma via original para analisar a problemática da geografia, mas ela a faz de maneira demais imprecisa para ter credibilidade: sua abordagem é muito impressionista. Isso retira uma parte do alcance da trilogia campo/escrita/discurso que ela coloca no centro de sua análise.

Conclusão

- 96 Para se desenvolver vigorosamente, as ciências têm necessidade de analisar seu passado e de compreender as dinâmicas que estão ainda em aberto. Isso dá uma noção da contribuição de cada um no movimento de conjunto; isso evita o desenvolvimento de ideologias científicas, que podem ser esterilizantes.
- 97 Para alcançar tais resultados, convém passar da memorização espontânea, geralmente oral, a uma abordagem organizada e crítica. Compreende-se rapidamente que o resultado aos quais conduzem as reconstituições dependem do período e do campo de estudos: é impossível de escrever uma história da geografia que estabeleça uma verdade universal.
- 98 As histórias 'científicas' são necessariamente parciais. Elas são submetidas a incessantes revisões. Elas destacam o papel das correntes intelectuais gerais e o peso das instituições responsáveis tanto pela construção dos sistemas de informação geográfica, quanto do estatuto dos geógrafos e dos quadros os quais eles trabalham. Elas levam em conta a dimensão biográfica dos pesquisadores. Elas precisam os movimentos recorrendo aos modelos que não cessam de se aprimorar. Elas destacam as características sociológicas. Elas fazem compreender os esforços, os resultados e os limites de cada uma das correntes que inspiram a pesquisa; elas mostram seu impacto sobre a sociedade que os nutre, e as maneiras de dirigir a pesquisa se mostram mobilizadas para resolver os problemas do momento. Ela indica enfim as separações que existem frequentemente entre as necessidades, as aspirações do corpo social e as preocupações dos pesquisadores.

BIBLIOGRAPHY

- Baudelle G., Ozouf-Marignier M.-V., Robic M.-C. (dir.), 2001, *Géographes en pratiques (1870-1945)*, Rennes, PUR.
- Berdoulay, Vincent, 1981, *La Formation de l'école française de géographie (1870-1914)*, Paris, Bibliothèque Nationale.
- Bloch, Marc, 1949, *Apologie de l'histoire, ou métier d'historien*, Paris, Armand Colin.
- Bunge, William, 1962, *Theoretical Geography*, Lund, C.W.K. Gleerup.
- Carnap, R. 1935, *Le Problème de la logique de la science. Science formelle et science réelle*, Paris, Hermann.
- Chatterjee, P. and P. Jeganathan, (eds.), 2000, *Subaltern Studies XI: Community, Gender, Violence*, Delhi, Permanent Black.
- Claval, Paul, 1964, *Essai sur l'évolution de la géographie humaine*, Paris, les Belles Lettres.
- Claval, Paul, 1972, *La Pensée géographique. Introduction à son histoire*, Paris, SEDES.
- Claval, Paul, 1976, *Essai sur l'évolution de la géographie humaine*, Paris, Les Belles Lettres, 2^e éd..
- Claval, Paul, 1980, *Les Mythes fondateurs des sciences sociales*, Paris, PUF.
- Claval, Paul, 1984, *Géographie humaine et économique contemporaine*, Paris, PUF.
- Claval, Paul, 1998, *Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours*, Paris, Nathan.
- Claval, Paul, 2001a, *Epistémologie de la géographie*, Paris, Nathan.
- Claval, Paul, 2001b, "Geographic Thought, History of", *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, Elsevier, p. 6188-6194.
- Claval, Paul, 2006, *Géographies et géographes*, Paris, L'Harmattan.
- Claval, Paul, 2012, *De la Terre aux Hommes*, Paris, Armand Colin.
- Cook, I, Crouch, D., Naylor, S, Ryan, J. R. (eds), 2000, *Cultural Turn/Geographical Turn*, Harlow, Pearson Education Limited.
- Dainville, François de, 1940, *La géographie des humanistes*, Paris, Beauchesne.
- Febvre, Lucien, 1922, *La Terre et l'évolution de l'humanité. Introduction géographique à l'histoire*, Paris, La Renaissance du Livre.
- Foucault, Michel, 1966, *Les Mots et les choses*, Paris, Gallimard.
- Foucault, Michel, 1969, *L'Archéologie du savoir*, Paris, Gallimard.
- Foucault, Michel, 1976, *Surveiller et punir*, Paris, Gallimard.
- Freeman, T. Walter., 1967, *The Geographer's Craft*, Manchester, Manchester University Press.
- Gallois, Lucien, 1908, *Régions naturelles et noms de pays*, Paris, Armand Colin.
- Gottmann, Jean, 1947, "De la méthode d'analyse en géographie humaine", *Annales de Géographie*, vol.. 56, p. 1-12.

- Gottmann, Jean, 1952, *La Politique des Etats et leur géographie*, Paris, A. Colin.
- Hartsthorne, Richard, 1939, *The Nature of Geography*, Lancaster, Association of American Geographers.
- Harvey, David, 1969, *Explanation in Geography*, London, Arnold.
- Jacob, Christian, 1991, *Géographie et ethnographie en Grèce ancienne*, Paris, Armand Colin.
- Jacob, Christian, 1992, *L'Empire des cartes*, Paris, Albin Michel, 537 p.
- Johnston, Ronald J., 1979, *Geography and Geographers. Anglo-American Human Geography since 1945*, Londres, Arnold; utilisé dans la 3^{ème} édition, 1987.
- Johnston, Ronald J., 1991, *A Question of Place. Exploring the Practice of Human Geography*, Oxford, Blackwell.
- Koyré, Alexandre, 1962, *Du Monde clos à l'univers infini*, Paris, PUF.
- Kuhn, Thomas, 1962, *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago, Chicago University Press.
- Lacoste, Y., 1976, *La Géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*, Paris, Maspéro.
- Latour, Bruno, 1991, *Nous n'avons jamais été modernes*, Paris, la Découverte.
- Latour, Bruno, 2012, *Enquête sur les modes d'existence. Une anthropologie des modernes*, Paris, la Découverte.
- Latour, Bruno et Woolgar, S., 1979, *Laboratory Life. The Construction of Scientific Facts*, Beverly Hills, Sage. Trad. fse, *La Vie de laboratoire*, Paris, la Découverte, 1991.
- Lévi-Strauss, C., 1955, "Les mathématiques de l'homme", *Bulletin international des Sciences sociales*, vol. 6, n° 4.
- Livingstone, David N., 1992, *The geographical tradition*, Oxford, Blackwell.
- Livingstone, David N., 2009, "Geography (History of)", in D. Gregory et al., *The Dictionary of Human Geography*, New York/Oxford, Wiley/Blackwell, 5^{ème} éd., p. 295-299.
- Meynier, André, 1969, *Histoire de la pensée géographique en France*, Paris, PUF.
- O Tuathail, Gearóid, 1996, *Critical Geopolitics*, London, Routledge
- Pinchemel, Philippe, Marie-Claire Robic et Jean-Louis Tissier, 1984, *Deux siècles de géographie française*, Paris, Bibliothèque Nationale.
- Polanyi, C., 1944, *The Great Transformation*, New York, Rinehart.
- Ratzel, Friedrich, 1882-1891, *Anthropogeographie oder Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte*, Stuttgart, Engleborn, 2 vol.
- Ratzel, Friedrich, 1897, *Politische Geographie*, Munich, Oldenburg.
- Sanguin, André-Louis, 1993, *Vidal de la Blache. Un génie de la géographie*, Paris, Belin.
- Schaefer, Fred. K., 1953, "Exceptionalism in Geography. A Methodological Examination", *Annals, Association of American Geographers*, vol. 43, p. 226-249.
- Soubeyran, Olivier, 1997, *Imaginaire, science et discipline*, Paris/Montréal, L'Harmattan.
- Staszak, Jean-François, 1995, *La géographie d'avant la géographie. Le climat chez Aristote et Hippocrate*, Paris, L'Harmattan.

- Ullman, Edward L., 1953, "Geography as spatial interaction", in : Interregional Linkages. Proceedings of the Western Committee on Regional Economic Analysis, Berkeley, Social Sciences Research Council, p. 63-71.
- Valentine, Gill, 2001, "Whatever happened to the social ? Reflections on the 'Cultural Turn' in British Geography", Norsk Geografisk Tidsskrift, vol. 55, n° 3, Sept., p. 166-172.
- VariiiAuctores, 1993, Autour du monde. Jean Brunhes. Regards d'un géographe/regards de la géographie, Paris, Vilo.
- Vidal de la Blache, Paul, 1888, "Des divisions fondamentales du sol français", Bulletin Littéraire, vol. 2, p. 129-142.
- Vidal de la Blache, Paul, 1903, Tableau de la géographie de la France, Paris, Hachette.
- Vidal de la Blache, Paul, 1910, "Régions françaises", Revue de Paris, n° 6, p. 821-849.
- Vidal de la Blache, Paul, 1913, "La relativité des divisions régionales", in : Les Divisions régionales de la France, Paris, Alcan, p. 1-14.
- Vidal de la Blache, Paul, 1922, Principes de géographie humaine, Paris, A. Colin.
- Volvey, A., 2003, "Terrain" in Lévy, J. et Lussault, M. (dir.). Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés. Paris : Belin. 1 033 p. p. 904 à 906.

NOTES

1. O termo aqui está sendo utilizado como a pluralidade de “causas” que podem determinar a evolução (não linear) da ciência, nas dimensões econômicas, sociais, políticas, biográficas etc, contrastando com uma visão internalista, da evolução da lógica interna dos sistemas de pensamento (N.T.).
2. A questão regional, portanto, segundo esse raciocínio, foi preferencialmente estimulada entre os discípulos de Vidal por Lucien Gallois (N. T.).

ABSTRACTS

Para compreender o passado da geografia, é importante passar da memorização espontânea, geralmente oral, para uma história cuja abordagem seja organizada. Apesar das precauções tomadas em sua elaboração, a história ‘científica’ carrega a marca das preocupações e das ideologias que governam àqueles que a redigem: ela deve estar submetida à crítica. Esta história ressalta o peso das instituições responsáveis, ao mesmo tempo, pela construção dos sistemas de informação geográfica, pelo status dos geógrafos e os marcos em que eles trabalham. Ela leva em consideração a dimensão biográfica das pesquisas; a geografia é um *métier*; a pesquisa que ela suscita se aplica a um *campus* e mobiliza um *corpus*; ela se exerce sobre um *terreno*. O desenvolvimento das idéias pode seguir uma trajetória linear, resultar de múltiplas impulsões de círculos de afinidades, inscrever-se numa pluralidade de escolas, traduzir uma sucessão de fases da ciência normal e das revoluções científicas, ou evoluir a través de grandes viradas. A análise

dos movimentos intelectuais, a maneira de Michel Foucault, e os trabalhos de sociologia das ciências, à maneira de Bruno Latour, questionam a proeminência da lógica das idéias.

Para comprender el pasado de la geografía, es importante pasar de la memorización espontánea, generalmente oral, para una historia cuyo abordaje sea organizado. A pesar de las precauciones tomadas en su elaboración, la historia 'científica' carga la marca de las preocupaciones y de las ideologías que gobiernan a aquellos que las redactan: debe someterse a la crítica. Esta historia resalta el peso de las instituciones responsables, al mismo tiempo, por la construcción de los sistemas de información geográfica, por el estatus de los geógrafos y los marcos en que trabajan. Lleva en consideración la dimensión biográfica de las investigaciones; la geografía es un *métier*; la investigación que suscita se aplica a un *campus* e moviliza un *corpus*; se ejerce sobre un *terreno*. El desarrollo de las ideas puede seguir una trayectoria lineal, resultar de múltiples impulsos de círculos de afinidades, inscribirse en una pluralidad de escuelas, traducir una sucesión de fases de la ciencia normal e de las revoluciones científicas, o evolucionar a través de grandes giros. El análisis de los movimientos intelectuales, a la manera de Michel Foucault, y los trabajos de sociología de las ciencias, a la manera de Bruno Latour, cuestionan la prominencia de la lógica de las ideas.

Pour comprendre le passé de la géographie, il convient de passer de la mémorisation spontanée, généralement orale, à une démarche organisée. Malgré les précautions prises lors de son élaboration, l'histoire 'scientifique' porte la marque des préoccupations et de l'idéologie de ceux qui la rédige: elle doit être soumise à la critique. Cette histoire souligne le poids des institutions responsables à la fois de la construction des systèmes d'informations géographiques, du statut des géographes et des cadres dans lesquels ils travaillent. Elle prend en compte la dimension biographique des recherches; la géographie est un *métier*; la recherche qu'elle suscite s'applique à un *champ* et mobilise un *corpus*; elle s'exerce sur le *terrain*. Le développement des idées peut suivre une trajectoire linéaire, résulter des impulsions multiples de cercles d'affinités, s'inscrire dans une pluralité d'écoles, traduire une succession de phases de science normale et de révolutions scientifiques, ou évoluer à travers de grands tournants. L'analyse des mouvements intellectuels, à la façon de Michel Foucault, et les travaux de sociologie des sciences, à la manière de Bruno Latour, remettent en cause la prééminence de la logique des idées.

To get to understand geography's past, it would be convenient to pass from the spontaneous memorization, generally oral, to an organized approach. Despite the precautions taken during its elaboration, 'scientific' history carries the mark of the concerns and the ideology of those who writes it: it must be subjected to criticism. This history remarks the weight of the institutions responsible at the same time for the construction of geographic information systems, the status of geographers and their frameworks. It takes into account the biographical dimension of research; geography is a *métier*; the research it encourages apply to a *field* e mobilizes a *corpus*; is exercised on the *terrain*. Development of ideas may follow a linear path, be the result of multiple impulses of affinity circles, enroll in a plurality of schools, reflect a succession of phases of normal science and scientific revolutions, or evolve through various turns. Analyses of intellectual movements in the way of Michel Foucault, and the sociology of science works in Bruno Latour's way, undermine the rule of the logic of ideas.

INDEX

Mots-clés: tradition orale, science, critique, systèmes d'informations géographiques, institutions géographiques, biographie, métier, champ scientifique, corpus, terrain, logique des idées, progrès linéaire, cercle d'affinités, école scientifique, révolution scientifique, tournant scientifique, épistémé, sociologie des sciences.

Keywords: oral tradition, critic, geographic information systems, geographic institutions, biography, scientific field, logic of ideas, linear progress, circle of affinities, scientific school, scientific revolution, scientific turn, sociology of sciences

Palabras claves: tradición oral, ciencia, crítica, sistemas de información geográfica, instituciones geográficas, biografía, campo científico, terreno, lógica de las ideas, progreso lineal, círculos de afinidad, escuela científica, revolución científica, giro científico, sociología de la ciencia

Palavras-chave: tradição oral, sistemas de informação geográfica, instituições geográficas, lógica das ideias, progresso linear, círculos de afinidade, escola científica, revolução científica, virada científica, sociologia da ciência

AUTHORS

PAUL CLAVAL

Universidade de Paris — Sorbonne